



Tempo de crise, tempo de luta

Manifesto lido na V Jornada de Rebeliom Juvenil, que decorreu o 24 de Julho de 2009 em Compostela

Companheir@s, boa noite a tod@s.

Há apenas umhas horas, a manifestação convocada por BRIGA percorria as ruas de Compostela, até ser brutalmente atacada polas forças de choque da policía espanhola. Dúzias de contusionad@s e duas jovens hospitalizad@s é a resposta do estado espanhol à manifestação da juventude revolucionária.

Golpe a golpe respostárom à nossa mobilização, e como nom pode ser doutro jeito, golpe a golpe respostará a nossa cançom contra a repressom.

Hoje vamos falar de música e superstições. Pode parecer estranho, mas é do único que num dia como hoje, véspera do Dia da Pátria de 2009, podemos falar.

Quando falamos de música nom nos referimos ao concerto que agora ultima os seus preparativos em Belvís, nem às dúzias de festivais que inçam o nosso país todos os veraos. Falamos de música porque nom existe nada que poda exprimir melhor as pautas que tenhem as cousas, a sua lógica interna, a explicação de por quê as cousas funcionam dum modo e nom doutro.

Falamos de música porque a melodia que nos levam tocando nos últimos meses já a conhecemos, já nos ensujou os ouvidos infinidade de vezes. É o discurso de arrimar o ombro, de apertar-se o cinturom, da recuperaçom aos poucos, do sacrifício e o esforço, do optimismo; a verborreia de papá estado e de mamá espanha que bombardeiam umha e outra vez as nossas cabeças com a mesma cançom.

Nesta partitura están mais que fixadas as notas que tocamos a juventude trabalhadora: As da obediência e a crença cegas, as de baixar a cabeça, assumir e suportar. Para eles, para o PSOE que governa em Madrid, o PP que reina em Sam Caetano, o BNG que joga a pôr-se a carouta de esquerdas, para os empresários e a patronal, para os bancos, as ETT 's, os contrutores e agências imobiliárias, para os corpos repressivos, para o exército e a policía; a única música que nós podemos tocar é a de assentir e calar. Nom importa que a crise a provocasse o Capital, nom importa que os governos estatal e autonómico desviem miles de milhons de euros públicos para pagar aos especuladores: Essa é a tonalidade que nos permitem.

Falamos também de superstições, de crenças, do que há que supor que é ainda que nom seja, de acreditar cegamente nas palavras da burguesia simplesmente porque som os mandatos do amo. E há que falar também do medo, do terror latente a que esses mandatos sejam ignorados, e o que pode trazer essa negativa a obedecer. Nengumha mulher nem nengum homem nasceu para ser escrav@, nem para acreditar cegamente. Nengum povo existe para ser esmagado por outro.

Mas nom devemos esquecer que eles também están a provar o medo. O capitalismo espanhol tem umha ideia mui clara do que pode passar durante esta crise, e que se joga muito nos próximos meses. A misséria, a pobreza na que están caindo e cairám sectores cada vez mais amplos de trabalhadores/as em paro, sobre todo jovens e mulheres das naçons oprimidas, está a conformar um cenário explosivo mui preocupante para eles. Existe a possibilidade real de reagir-mos, de congelar o retrocesso de direitos da nossa classe, de plantar-lhes um muro diante que nom poidam derrubar.

Sabemos que nom existe nada mais perigoso que um amo assustado com um látego. E é por isso, que esta noite trazemos umha cançom.



Trazemos umha melodia para queimar a superstição, para desterrar o medo ao amo e aos seus cans, trazemos instrumentos para contrarrestar a sua canção de sireias policiais, de detenções, de EREs e especulação, de paro e miséria, de corrupção e violência; com a nossa.

As nossas notas som as da rebeldia juvenil, as do inconformismo, as das mulheres revolucionárias que levam o feminismo de classe no punho fechado, as da juventude que se nega a ser sipaia em comisarias e quartéis, a assistir aos partidos da selecção espanhola, a ser moeda de troco barato para as empresas que traficam com trabalho, a participar da lesbogaytransfobia assassina, som as notas d@s jovens que combatem o terrorismo machista, a militarização social e o poder adulto; d@s que se defendem na rua com pedras e lume, d@s que nesta noite exigem, como em todas as que venham por diante, umha canção de independência para a nossa nação, de socialismo para a nossa classe, e de destruição do patriarcado para as mulheres.

Viva Galiza Ceive, Socialista e Non-patriarcal!!

Galiza, 24 de Julho de 2009